

**VIDA ACIMA DO COTIDIANO:
BEATA MATER DE LOBO DE MESQUITA**

Paulo Castagna
Instituto de Artes da UNESP
<http://paulocastagna.com/>

CASTAGNA, Paulo. Vida acima do cotidiano: *Beata Mater* de Lobo de Mesquita / Live Above the Ordinary: *Beata Mater* by Lobo de Mesquita [texto de encarte de cd]. In: ORQUESTRA barroca do XXII Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga de Juiz de Fora. Juiz de Fora: Pró-Música, 2011. [p.15-26].

Referida nos catálogos de composições do mulato mineiro José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita (1746?-1805), por Maria da Conceição de Resende Fonseca (n.5) e por Maria Inês Guimarães (n.6), esta obra foi impressa na série Patrimônio Arquivístico-Musical Mineiro (n.3), a partir de sua única fonte conhecida: uma cópia de Hermenegildo José de Sousa Trindade (1806-1887), pertencente à Orquestra Lira Sanjoanense (São João Del-Rei - MG). Destinada a uma cerimônia religiosa setecentista, seu texto latino invoca a intermediação de Nossa Senhora em nossa conexão com Deus. No Breviário Romano, *Beata Mater* é a Antífona do *Magnificat* para as comemorações de Nossa Senhora, mas o compositor utilizou uma versão do texto dividido em duas seções, com o acréscimo da doxologia *Gloria Patri*, o que lhe confere a incomum estrutura responsorial, talvez indicando algum uso paralitúrgico da obra.

Escrita para quatro vozes, violinos I e II, viola, baixo, trompas I e II, a obra utiliza uma textura homofônica, alternando solos, duos e *tutti*, como era habitual nos compositores mineiros da segunda metade do século XVIII, porém no *Intercede pro nobis ad Dominum*, a seção mais longa da peça, o autor emprega um discurso mais desenvolvido, com tendências polifônicas e repetição contínua dessa pequena frase latina. Na doxologia *Gloria Patri*, que desempenha a função de Verso, o compositor utilizou apenas o duo de soprano e contralto, acompanhado de maneira bastante simples e com o convencional caráter de seção contrastante. Esse *Gloria Patri*, no entanto, pode ter sido uma inclusão de outro compositor no século XIX, possivelmente o próprio Hermenegildo José de Sousa Trindade, que também acrescentou partes de flauta e clarineta ao conjunto instrumental, partes que não foram utilizadas na edição dessa obra.

Na atualidade, e fora do ambiente litúrgico, obviamente esquecemos a função religiosa que esta composição pode ter desempenhado, ou seja, a função de um elemento que, integrado em um ritual, era capaz de nos re-ligar à vida. Essa re-ligação foi necessária desde que os seres humanos começaram a dividir as tarefas práticas dos seus grupos sociais, há milhares de anos, e a gastar nelas mais tempo e energia do que nos aspectos imateriais da vida, como o pensamento, o sentimento e a vontade. Manifestas em sonhos, medos, tendências psíquicas, angústias e alegrias, por mais que fossem reprimidas em nome das tarefas cotidianas, tais particularidades da vida ressurgiam e invadiam o ser humano, além de seu controle. Por isso, foram divinizadas, adoradas como aspectos exteriores ao cotidiano, remetidas para um lugar inacessível acima de nossas cabeças (Olimpo, Sinai, Céu, astros) e denominadas ‘espirituais’ (do latim *spiritus*, sopro), ou seja, intangíveis, imateriais. Assim, os antigos conceberam o sopro

como o portador da vida, capaz, portanto, de expressar-se em som, voz, palavra, nome e música.

O homem antigo religava-se a esses aspectos reprimidos da vida por meio de recursos que provocassem algum tipo de beleza, de maravilhamento ou suspensão do cotidiano, como rituais, templos, textos, sacerdotes, objetos e lugares sagrados, neles incluindo quase sempre a música, como uma das expressões da vida. O homem moderno faz o mesmo para tentar sair do cotidiano e procurar algum estado acima dele, porém freqüentemente seus rituais são os de consumo, seus templos são os *shopping centers*, seus textos são os anúncios publicitários, seus sacerdotes são as celebridades midiáticas, seus objetos são os produtos de compra e seus lugares sagrados são as lojas. O Céu moderno não é mais o estado de re-ligação com a vida e, portanto, de ver por cima o cotidiano, mas sim o de consumir o máximo possível e gabar-se da distância que o separa daqueles que são incapazes de consumir tanto. O Céu contemporâneo tornou-se, assim, a separação - não do cotidiano - mas da própria vida. E, claro, tudo isso com muita música, ou pelo menos algo que utiliza o mesmo nome.

Entre os interesses que existem na revitalização da música antiga e na discussão de sua função no presente, estão o contato com um repertório que, séculos atrás, de alguma maneira ajudava o ser humano a se re-ligar aos aspectos imateriais da vida, reprimidos em nome das tarefas cotidianas, além da real possibilidade de que essa música possa nos ajudar a fazer o mesmo na atualidade. Interessante notar que essa função existia não apenas na música feita para os templos, mas também nas sonatas, óperas, concertos e sinfonias, desde que a sociedade leiga assumiu a tarefa de também fazer o que anteriormente apenas as igrejas faziam. Sempre que o ideal de re-ligação foi posto em prática, o belo manifestou-se de alguma maneira e nosso interesse por esse belo pode agora nos proporcionar nova re-ligação. Mas o belo não é produzido pela indústria e nem comprado em lojas, o belo é uma manifestação da vida criadora em nome da própria vida. Apenas consumir esse repertório, em lugar de procurar nele algo realmente belo, é perder a oportunidade de re-ligação e, novamente, separar-se da vida.

Obviamente, uma grande parte da música que precedeu o século XX foi destinada às elites, portanto sem beneficiar a maior parte da população de seu tempo e, conseqüentemente, bela apenas em sua forma e não totalmente em sua função. Mas deixar de usar esse repertório no presente, apenas porque foi vetado à maior parte dos homens do passado é, no mínimo, um desperdício: seria o mesmo que eliminar dos dias atuais a escrita, por ter sido esse o meio de comunicação usado pelas antigas elites para a repressão popular. A vida que necessita cuidado não é mais a do passado, porém a do presente e, para isso, são válidos todos os meios hoje disponíveis, desde que realmente estejam a serviço da vida (de *toda* a vida) e não mais de sua repressão. Cabe-nos, portanto, recriar o belo, não apenas da forma, mas principalmente de sua função.

A Antífona ou Responsório *Beata Mater*, de Lobo de Mesquita, pode estar distante de sua função original, mas como toda obra antiga, guarda um resquício de sua beleza, ou de sua capacidade de re-ligação que, por meio da edição contemporânea e de uma interpretação tão sensível e cuidadosa, como a da Orquestra Barroca do XXII Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga de Juiz de Fora, pode ser ao menos parcialmente revitalizada, provocando-nos novamente algum efeito de 'suspensão da cotidianidade', como a esse fenômeno se referiu Michel Maffesoli.

Ouvir hoje Lobo de Mesquita é tomar contato com um recurso criado para desempenhar uma importante função de re-ligação com a vida, ainda que a ignorância humana tenha somado a essa tarefa a repressão social, o patrulhamento cultural e a ditadura religiosa. Se realmente tivermos a finalidade de fazer no presente esse tipo de conexão com a vida, qualquer meio será válido. E se colocarmos essa intenção na pequena *Beata Mater*, ela deixa de ser uma mera seqüência de notas, uma velha partitura, um agente de repressão, um novo item de catálogo, um recente trabalho ou mais um produto, para se tornar uma oportunidade de contato com a vida que está acima das tarefas repetitivas do nosso cotidiano. Em outras palavras: a mais pura espiritualidade, comum a qualquer cristão, judeu, muçulmano, budista, ateu, músico ou pessoa comum. Ouvir Lobo de Mesquita para religar-se à nossa vida é conectar-se, por meio de Lobo de Mesquita, à vida que há em cada um de nós.